

Cidade de Coimbra — Primeira vista

CIDADE DE COIMBRA

I

Floreceu na Lusitania, sob o dominio dos romanos, uma cidade com o nome de *Conimbrica*. Da sua origem não ha noticia certa. Esta falta, porém, junta á variedade de opiniões a tal respeito, em que algumas fabulas correm de envolta, provam sobejamente a muita antiguidade d'aquella povoação.

Poremos de parte esse escurissimo assumpto, em que alguns escriptores nossos fazem figurar como fundadores da dita cidade ora Hercules o Egypcio, ou um supposto rei de Hespanha chamado Brigo, muito anterior á invasão dos romanos; ora os colimbrios ou outros povos que em eras muito remotas, abandonando a sua terra natal, vieram estabelecer-se na Peninsula Iberica. Porém o que é certo, e deve bastar para gloria de seu brazão, é que era uma cidade importante no tempo em que a poderosa Roma estendia as suas legiões e o facho luminoso da sua civilisação a toda a Lusitania.

Derrocado o imperio dos Cesares pelas nações septentrionaes, que se arremessaram sobre o centro e occidente da Europa, ávidas de despojos, sequiosas de vinganças, e com a furia de ondas a que se romperam os diques, a Lusitania foi a seu turno talada e subjugada pelos vencedores dos romanos.

Os primeiros inimigos que se apresentaram ás portas de *Conimbrica* foram os suevos, capitaneados pelo seu rei Hermenerico. A cidade não offereceu resistencia, e o invasor facilmente a submetteu ao seu jugo; porém pouco tempo gozou da sua conquista.

Ataces, rei dos alanos, não tardou a vir disputar-lhe a presa. Ao cabo, pois, de encarniçado combate, foram derrotados os suevos, e a cidade foi novamente tomada; porém d'esta vez teve sorte muito mais dura.

Os suevos, na sua entrada em *Conimbrica*, apenas destruiram o que mais particularmente lhes recordava o poder ou a civilisação de Roma. Porém os alanos, ou porque tivessem odio mais entranhavel ao nome romano; ou por quererem vingar-se desapiedadamente da tenaz resistencia que encontraram, arrazaram a povoação, não deixando pedra sobre pedra.

Satisfeita a sua sanha brutal, mas enamorando-se da belleza do paiz e da feracidade dos terrenos, resolveu o conquistador fundar perto d'ahi a capital da sua nova monarchia. Correndo, pois, o anno de 409 do nascimento de Christo, lançou Ataces os fundamentos da nova *Conimbrica* na coroa e encosta de um oiteiro bastante elevado, sobranceiro ao rio Mondego, que lhe banha a raiz, e a duas legoas ao norte

da velha *Conimbrica*, que acabava de sepultar em ruinas.

Tal é a origem que se reputa por mais verdadeira d'essa gentil cidade, alcaçar das sciencias em Portugal.

Da cidade romana jazeram as reliquias por largos annos dispersas sobre o solo deserto, e ainda no seculo passado viam-se distinctamente restos de muitos edificios, até que foram pouco a pouco desapparecendo por servirem os materiaes para as construcções da villa de Condeixa, a velha, que veiu sentar-se em cima d'aquellas ruinas, e para as de Condeixa, a nova, que se ergueu perto d'aquella. D'essa remota antiguidade ainda apparecem bastantes vestigios, quando se faz alguma excavação, encontrando-se facilmente não só alicerces de edificios, mas tambem medalhas de cobre, bronze e prata.

Quanto á nova cidade, foi de sangue o seu baptismo. Diz a historia, ou uma lenda popular não desmentida por documento algum, que andando Ataces occupado na edificação da sua capital, viera Hermenerico á frente de numeroso exercito para tomar desforra da affronta que lhe fizera o rei dos alanos. Saiu este rapidamente ao combate. Foi renhida a peleja, porém Ataces ficou outra vez vencedor, e, perseguindo os suevos até ás margens do Douro, obrigou o seu rival a pedir-lhe paz.

Hermenerico offereceu a mão de sua formosa filha, a princeza Cindazunda, como penhor da conciliação entre os dois monarchas. Foi acceita a offerta, e celebrou-se ao mesmo tempo a paz e o consorcio real.

Em memoria, dizem que dera Ataces a Coimbra o escudo de armas que ainda ao presente lhe serve de brazão. No centro do escudo está a imagem da princeza Cindazunda, tendo a fronte cingida com a coroa de rainha, as mãos postas e os olhos erguidos para o céo, como quem implora de Deus a paz para as duas nações, e saindo de dentro de uma copa ou calix, que symbolisa o sacramento do matrimonio, com que foram confirmadas e consagradas a alliança e amizade entre os dois soberanos, pouco antes inimigos. Ambos os monarchas estão personificados no brazão nas figuras de um leão rompente e de um dragão verde, levantados de uma e outra parte da copa. No leão está representado Ataces, porque era essa a divisa que o rei dos alanos usava nas suas bandeiras. O dragão representa Hermenerico, por ser o emblema escolhido pelo rei dos suevos. E para designar a lucta que precedeu estes contratos é vermelha a côr do escudo.

Do vocabulo latino *Conimbrica* derivou-se o nome de Coimbra. Sobre a etymologia d'aquelle são tantas as opiniões dos escriptores que tratam d'essa materia, e todas tão divergentes e faltas de fundamento, que nenhuma d'ellas julgâmos auctorisada.

Uns, querendo que o nome *Conimbrica* signifique povoação apinhada, ou edificada em fórma de pinha, derivam-n'o de *conus*, que quer dizer pinha. Outros pretendem que a cidade se chamára primitivamente *Collimbrica*, de *collis imbrium*, oiteiro das chuvas, pela muita frescura, amenidade e verdores do sitio. Alguns dão-lhe *Collimbria* por seu primeiro nome, dizendo que lhe proveiu de ter sido fundada pelos povos *collimbrios* tres seculos antes da vinda de Jesus Christo. E, finalmente, os que folgam de assentar em fabulas a origem das povoações, chamam-lhe *Colimbriga* e formam-lhe este nome dos vocabulos *coluber* e *briga*, combate de cobra; accrescentando que n'aquella denominação está commemorada a façanha de um valoroso cavalleiro, que por bem merecer da sua dama combateu e matou uma temivel cobra, que infestava aquelle oiteiro, então ermo e coberto de mattos e arvoredo, e, logo depois da morte da serpente, povoado e em breve transformado em uma bella cidade.

Narrando, porém, estas opiniões e contos populares só temos em vista deixal-os aqui consignados como uma curiosidade ou lendas de antigas eras.

II

Não desfructaram os alanos por muito tempo a posse de Coimbra. Os outros povos que concorreram com este na destruição do imperio romano, e que invadiram conjunctamente, ou pouco depois, a Lusitania, anniquilaram a seu turno a monarchia de Ataces e assenhorearam-se de Coimbra. Foram os visigodos os ultimos que a sujeitaram, mas tambem foram elles os que por mais tempo a governaram.

Ao cabo de pouco mais de tres seculos, que tanto durou o dominio d'essas differentes nações septentrionaes na Lusitania, a monarchia dos visigodos, que abrangia então toda a Peninsula Iberica, alluiu-se nos campos do Guadalete ao rijo embate das hordas sarracenas, vindas de Africa ao aceno do traidor conde Julião.

Essas ondas de barbaros, que, atravessando o estreito de Gibraltar, inundaram primeiramente a Andaluzia, gastaram alguns annos a devassar e avassallar a Peninsula, não obstante ter-lhes entregado a sorte das armas os destinos d'ella em uma só ou principal batalha.

Foi em 712, segundo a melhor chronologia, dois annos depois de effeituada aquella invasão, que os arabes appareceram junto ás margens do Mondego, e que a cidade de Coimbra viu derrubar-se a cruz de Jesus Christo de cima dos seus templos e arvorar-se em seu logar o crescente musulmano.

Ninguem ignora, certamente, que depois da derrota do exercito dos godos, e da perda del-rei D. Rodrigo, o principe D. Pelagio, reunindo as reliquias das tropas vencidas, se refugiou nas asperas serranias das Asturias; que ahi se foi reforçando com os christãos perseguidos pelos infieis; e que n'esse famoso baluarte, que a natureza fizera quasi inaccessivel, e que a bravura dos seus defensores tornára inexpugnavel, levantou e firmou o estandarte da independencia da Peninsula, organisando essa lucta sem tregoas que por fim acabou com o jugo mauritano.

Engrossados e fortalecidos os proscriptos das Asturias, a ponto de constituirem um reino poderoso, começaram as suas armas a disputar aos moiros o territorio da Lusitania. N'essas emprezas atrevidas Coimbra foi por vezes resgatada do poder dos infieis, e logo depois outra vez perdida.

A mais gloriosa d'essas emprezas foi capitaneada por D. Fernando o Magno, descendente de D. Pelagio, e que aos titulos de rei das Asturias e de Leão accrescentára o de rei de Castella.

Corria o anno de 1064, quando D. Fernando Magno veiu com poderoso exercito sobre Coimbra, dizem que por conselho e instancias dos monges benedictinos do mosteiro de Lorvão, que, pelas relações que tinham com os moiros de Coimbra, conheceram que era propicio o ensejo para uma tentativa dos christãos [1]. Todavia, apesar dos monges supporem a cidade mal guarnecida, durou sete mezes o assedio; e parece que, desanimados os sitiantes depois de repetidos e infructiferos assaltos, e cançados de tão longo cêrco, se preparavam para o levantar, quando um estratagema de alguns christãos, disfarçados em trajos moiriscos, lhes facilitou a entrada por uma porta que então trocára o seu nome de *Genicoca* pelo de *Traição*.

Fosse, porém, ardil ou unicamente esforço o que poz a cidade em poder dos christãos, o que é certo

1 O mosteiro de Lorvão, n'aquelle tempo habitado por monges benedictinos, e ao presente por freiras da ordem de S. Bernardo, foi um dos que subsistiram sob o dominio dos moiros, pagando a estes certos tributos, dos quaes veiu o dito mosteiro a ser alliviado por graça especial de um rei moiro que se lhe affeiçoára.

é que nunca mais lhe pisaram o solo, como senhores, os sectarios de Mafoma.

D. Fernando Magno entrou em Coimbra triumphantemente, e indo direito á mesquita principal, que mandou purificar e consagrar á Virgem Maria, n'ella rendeu graças ao Omnipotente pela victoria alcançada.

Se houvermos de dar credito á tradição, embora não auctorisada por memorias escriptas dignas de fé, n'aquelle mesmo acto das graças o conquistador armou cavalleiro com toda a solemnidade a Rui Dias de Bivar, aquelle valente guerreiro que tamanha celebridade adquiriu na lucta contra os sarracenos com o nome de *Cid o campeador*.

Antes de se recolher á sua corte, proveu el-rei D. Fernando á governança e defensa da cidade. Expulsou d'ella um grande numero de moiros; povoou-a de christãos; reparou as muralhas; melhorou-lhe as fortificações; poz-lhe boa guarnição de soldados escolhidos, e deu-lhe por governador o conde D. Sisnando, que alguns auctores pretendem que fôra quem movêra o rei de Castella á conquista de Coimbra. Ficou memoravel o governo do conde D. Sisnando pela energia do seu caracter, pelo seu espirito justiceiro, prudente e conciliador, pelos melhoramentos que introduziu na cidade, e, em fim, pelas novas conquistas com que alargou os limites do districto que lhe fôra confiado.

Pouco se gozou D. Fernando Magno d'este engrandecimento da sua monarchia, pois que falleceu no seguinte anno de 1065. O seu testamento foi o pomo da discordia que accendeu a guerra entre os seus filhos. Tendo feito partilhas dos seus reinos, que repartiu por elles, D. Sancho, que se julgou lesado, disputou e arrancou á força de armas da cabeça de seu irmão, D. Garcia, as coroas da Galliza e de Portugal.

A D. Sancho succedeu seu filho, D. Affonso VI, que para galardoar os serviços que lhe prestou o principe D. Henrique de Borgonha, da familia real de França, concedeu-lhe a mão de sua filha, D. Tareja, e o territorio de Portugal com o titulo de condado.

Teve o conde D. Henrique a sua corte alternadamente em Braga, Guimarães e Coimbra, e, no fim de uma existencia gloriosa, toda passada a guerrear os infieis, legou a seu filho, o infante D. Affonso Henriques, o condado de Portugal augmentado com muitas terras por elle conquistadas aos sarracenos.

As victorias de D. Affonso Henriques alcançaram-lhe de seus soldados, ebrios de gloria, o titulo de rei. Então o augusto dynasta, julgando a villa de Guimarães demasiadamente acanhada para servir de séde á nascente monarchia, e, além d'isso, dispondo-se para as mais arrojadas emprezas, com que pretendia alargar as fronteiras dos seus estados, estabeleceu definitivamente a sua corte em Coimbra, como logar mais proximo das terras ainda sujeitas ao dominio agareno.

Ao aceno d'este monarcha engrandeceu-se Coimbra com várias fundações, entre as quaes avultavam o mosteiro de Santa Cruz, e a grande ponte, que jaz sepultada nas areias do Mondego. E ao mesmo tempo que a cidade crescia em edificios e numero de habitantes, vinham honral-a novos privilegios, e glorifical-a as continuas victorias de D. Affonso Henriques, pois que do seu seio saíram essas intrepidas hostes que, levando na sua frente o invicto soberano, foram arvorar o pendão das quinas em Santarem e Lisboa, e em quantos castellos e praças de guerra de moiros campeavam na Estremadura e Alemtejo.

Durante os tres seguintes reinados Coimbra continuou a ser o principal assento da côrte; porém depois teve de repartir esta prerogativa com Lisboa e outras terras do reino.

(Continúa) L. DE VILHENA BARBOSA.

OS GENIOS DA ASTRONOMIA MODERNA

KEPLER

(Vid. pag. 223)

V

Dissemos no capitulo antecedente, que parecia ter sido Kepler enviado pela Providencia a fim de fortalecer, apostolar e accrescentar a obra de Copernico, a qual ficára incompleta, obscura, conhecida apenas de alguns engenhos privilegiados.

Dissemos tambem que o famoso Kepler consubstanciava em si, com rara felicidade, todos os dotes, todas as qualidades necessarias para levar a bom porto obra de tanta monta.

Justifiquemos estas proposições.

Foi Kepler um d'esses genios raros e assombrosos que souberam alliar intima e amoravelmente a imaginação com a razão, de sorte que esta temperasse os desvarios d'aquella, sem lhe cortar as azas.

Kepler, assim como Pythagoras, foi um poeta da astronomia, sobre ser geometra profundissimo e capaz de grandes inventos nas sciencias philosophico-mathematicas, como mostrou exuberantemente em alguns dos seus tratados, que ainda merecem superior estima dos entendidos.

Disse algures Pascal, que o que excede a geometria sobrepuja o entendimento humano, como quem diz, que sem geometria não ha descobrimentos nos dominios scientificos. Paradoxo ruim é este aphorismo do geometra francez. Se compulsarmos a já agora gloriosa lista dos inventos que hão ennobrecido e locupletado a humanidade, em qualquer ramo da actividade intellectual, veremos que foi sempre a causa unica de todos elles a inspiração de um momento feliz, o acaso fortuito, a influição de um agente desconhecido, um *quid*, cuja substancia desconhecemos, uma luz fugaz e repentina que só a um homem é dado avistar, dos milhões que compõem a familia humana!

A inspiração é a força que sobrepuja a natureza. Não ha outra. Grande, poderoso, immenso, é o raciocinio, a deducção logica, o methodo no aperfeiçoar, no melhorar, no alcançar successivos e não interrompidos progressos. Mas o descobrir essas grandes leis que revolvem até aos fundamentos um edificio secular, e derramam immensa luz onde tudo era trevas, e ordenam onde imperava o cháos, isso cabe na alçada da inspiração, n'essa intuição que pertence aos genios, que é o caracter d'elles, a sua auréola, o signal que os distingue da multidão, o seu *ex digito gigans*.

Ninguem ignora que a obra não sae perfeita, como Minerva, do cerebro jovico. Ha muito que desbastar e aperfeiçoar, muito que transformar, e ás vezes que esquecer; mas a idéa inicial, a *prima origo*, a centelha que illumina os mundos, só no cerebro do genio a encontrareis, e não na geometria, apesar de todos os seus methodos, aliás tão admiraveis. É que se no descobrir houvesse methodo, o trabalho com uma dóse razoavel de talento substituíra o genio, e a realeza da intelligencia, essa de todas a unica natural e santa, acabára miseravelmente na craveira do commum. O genio é, pois, a reunião do raciocinio com a inspiração, é o aproveitamento de uma circumstancia fortuita, pequena, mesquinha na apparencia, desprezivel para o vulgo, immensa para o homem superior. O banho de Archimedes! O pomo de Newton! Os pingentes do lustre na cathedral de Pisa! A agulha de Œrsted! O rebolo de amolar em um beco de Glascow! O vapor de agua levantando o testo da panella que está ao lume! Que circumstancias tão singelas! Que phenomenos tão simples e vulgares! E, comtudo, Archimedes, Newton, Galileu, Œrsted, Watt,

Papin e tantos outros, aproveitaram o momento da inspiração, e assignalaram o nome no templo da immortalidade.

Não ha circunstancias pequenas para o genio. No accender lume, esfregando dois gravetos, como usam os selvagens, está a moderna theoria dynamica do calor.

Sabido é que não convem exaggerar esta doutrina, porque se assim fôra a sciencia não mais caminhára. Incumbe, porém, não esperar dos methodos o que elles não podem dar. Quem ousará negar o poder da logica quando bem dirigida? Quem porá sequer uma sombra de dúvida aos enormes serviços que ha prestado, e ás torrentes de seiva que ha regorgitado na arvore da sciencia? Mas não consta que os descobrimentos grandiosos, esses que assignalam uma epocha, se tenham feito *ex-professo*.

Necessario é que de antemão se estude muito, e muito se saiba, que a razão se tenha desenvolvido com o convivio dos mestres e aturada leitura dos bons livros; mas isto não basta. Quando falta o *sexto sentido*, a inspiração, cae o Icaro, e baqueia para não mais se erguer.

Kepler é um exemplo eloquente do muito que póde o genio contra a geometria.

Supponhamos que o grande astronomo era só geometra, por sapientissimo que fosse. Supponhamos que tinha rejeitado, como demasiado poetica e apparentemente anti-scientifica, a theoria harmonica dos mundos.

Póde-se afoitamente affirmar que nunca chegaria a descobrir as suas eternas leis, porque o seu rigor geometrico não se compadecêra com certos desprezos necessarios. Se Kepler, em vez de attender exclusivamente ao movimento de dois corpos, sem se importar com as acções de outros planetas (o que póde fazer sem erro, attendendo á exiguidade da massa d'elles em relação á do Sol e ás grandes distancias a que estão entre si), quizesse considerar todas estas acções multiplices e combinadas, de tal sorte augmentaria as difficuldades, tão espinhoso seria o problema, tantas seríam as circunstancias perturbadoras, que toparia com uma confusão horrivel, com um labyrintho inextricavel e enredado, de que não poderia sair, por grandes que fossem os seus esforços.

Felizmente, não deu ouvidos á geometria, ou, antes, foi geometra até onde o devia ser, que só assim póde alcançar novos methodos, e fundar em inabalaveis e solidas bases o edificio architectado por Copernico. Compenetrado das idéas pythagoricas, encarcerou a geometria a sete séllos no fundo do seu almario, como elle dizia pittorescamente, e trabalhou toda a vida, até que os desprezos, contra os quaes o apparente rigor da sciencia se rebellava, lhe patenteassem os mysterios que presidem e acompanham os movimentos celestes.

No estudo das leis naturaes, saber *desprezar* é o grande segredo, é a pertença do genio. Em todos os phenomenos ha as apparencias, que são complexas e várias, ha a confusão que afugenta os espiritos tibios, e ha a lei simples, ha as relações constantes, ha as deducções rigorosas, ha os methodos scientificos.

Tão intimamente ligados andam os phenomenos, que discriminar as raias da influencia de cada um, e ao mesmo tempo alcançar a influencia commum, para obter depois uma synthese poderosa, obra é de si tão difficil e cheia de espinhos, que só o genio a póde emprehender e levar ao cabo.

A historia d'essas investigações é a historia da sciencia. Ainda ninguem a fez, porque os grandes homens não deixaram narrativas das suas porfiosas luctas. Nós só conhecemos os resultados e os methodos scientificos que depois se fundaram. Que curiosos capitulos não seríam, porém, os que nos contassem os tentames do genio peito a peito com a natureza! que luctas gigantéas! que porfiar! que lances dramaticos! que desesperos! que desalentos! que esperanças! que receios em todas essas peripecias do espirito que combate a materia, da luz que rasga as trevas! E quantas vezes não succede a tantos esforços o martyrio, o esquecimento, e ás vezes a ingratidão!

Quantas vezes, após uma vida de lucta a todo o transe e implacavel, o gladiador audaz só encontra descanço em lousa ignota, que a inveja, o odio e as paixões mesquinhas lhe cavaram! Que sublimes epopéas não encerra a sciencia nos seus annaes!

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

ARCHIPELAGO DE CABO VERDE

ILHA DE SANTO ANTÃO

I

Poucas monarchias tem uma origem tão nobre, tão popular e tão gloriosa como a nossa: nobre pela nobilissima estirpe do fundador; popular pela liberdade e espontaneidade com que o povo acclamou o seu primeiro rei; e, em fim, gloriosa, porque teve por berço vasto campo de batalha, onde os vivas ao novo dynasta echoavam ao som dos hymnos de uma grande victoria. Desde então, durante seculos, quasi que não se passou um dia sem que algum reflexo da gloria militar viesse doirar as paginas da historia d'este valoroso povo. D'este grande povo, podêmos accrescentar, porque, mau grado dos furores do feudalismo que escravisava a Europa, ao mesmo tempo que teve valor para vencer os seus inimigos e alargar as fronteiras do reino, soube por sua energia conservar os foros da liberdade, que serviam de alicerce ao throno dos seus monarchas.

Pois além d'essas glorias, que são muito para ser invejadas pelas maiores nações do mundo, outra ainda mais subida possue Portugal, em que não tem parceiro nem rival entre todos os povos do universo. É a gloria que lhe provém dos seus descobrimentos. A gloria d'essa grandiosa idéa inicial, d'esse heroico esforço que levou seus filhos a devassar mares e terras ignotas, até irem rasgar o véo que occultava ás nações européas a India e o Brasil, essas duas regiões onde a natureza foi tão prodiga, esses dois cofres repletos de oiro e de pedraria, por nossas proprias mãos vasados no regaço da Europa, ávida de riquezas.

Que maior gloria póde ambicionar um povo que a de poder exclamar: A nossa patria, paiz pequenino dos confins da terra, foi quem lançou os fundamentos á navegação e ao commercio, que enriqueceram e policiaram as nações européas; foi quem primeiro levou á Africa e á America, e, depois dos apostolos, á Asia a luz civilisadora do Evangelho; foi quem abriu, finalmente, de par em par as portas á moderna civilisação!

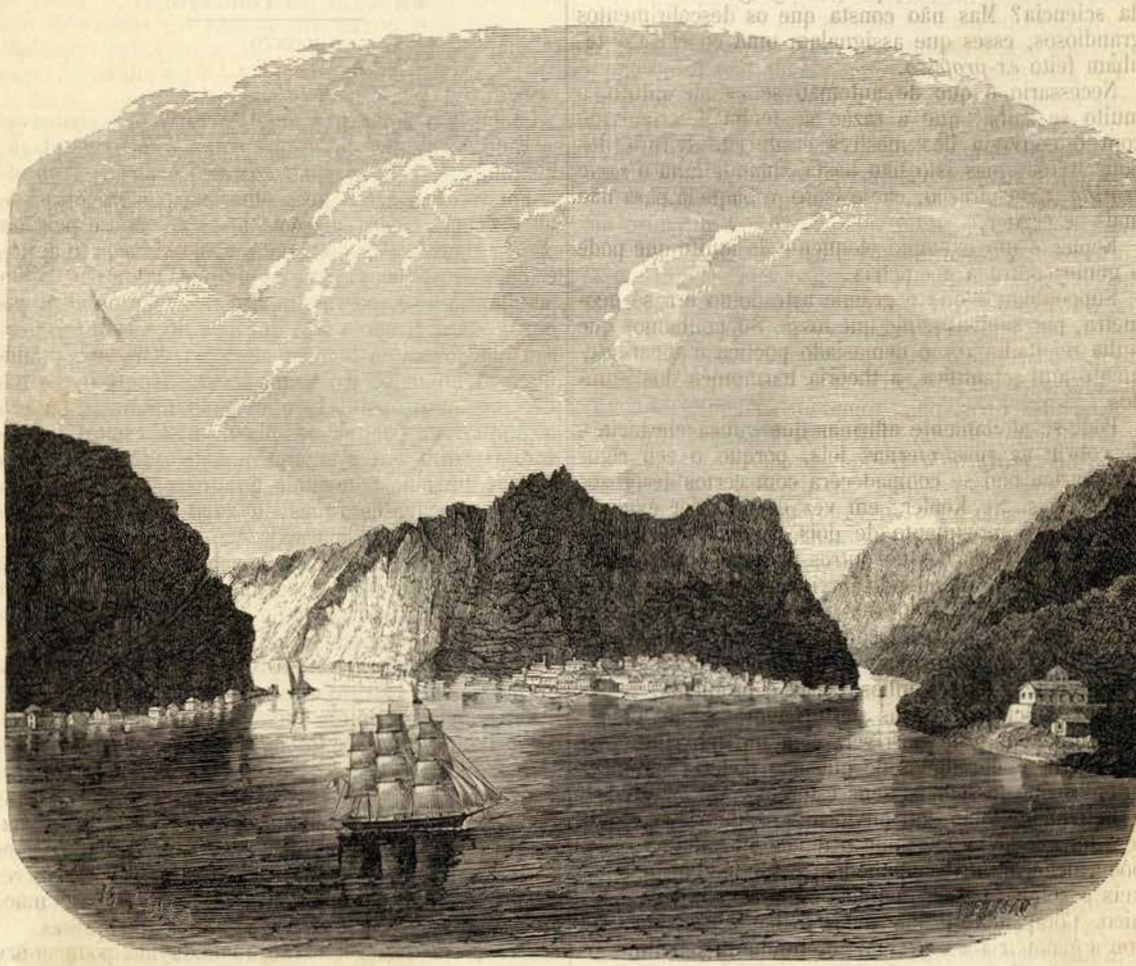
O genio, que assim elevou Portugal a tamanha altura, que por largos annos foi o alvo constante da attenção, do assombro e da inveja dos estranhos; o illustre creador d'essa brilhante auréola, que, apesar de tantas desditas e humilhações por que temos passado, ainda hoje refulge sobre nós, foi o infante D. Henrique, duque de Vizeu, filho esclarecido do grande rei D. João I.

Ao aceno d'esse principe partiram em demanda de novas terras os primeiros nautas que se aventuraram á navegação do alto mar, affrontando atrevidos os perigos e mysterios do Oceano. Mas quem, obedecendo ás ordens do infante, deixaria de ser intrepido e atrevido? Quem recuaria ante perigos e obstaculos depois de ouvir suas enthusiasticas exhortações?

Ninguem tinha, como elle, o condão de transmittir aos outros o ardor e o enthusiasmo, a fé e a esperança em que se abrazava o seu peito, quando pensava em descobrir mares e terras por onde dilatasse o nome de Jesus Christo, e o poder e gloria da patria.

São memoraveis, e como taes archivou a historia, as palavras com que o benemerito infante se despediu de João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, fidalgos de sua casa, no momento de os enviar a novos descobrimentos:

«...Tenho-vos mostrado n'estas taboas (de Ptolomeu), lhes disse o infante, qual seja a diligencia a que vos mando, e quaes as difficuldades que n'ella encontrareis. Eu trazendo á memoria os exemplos de vosso intrepido coração, em que me tendes por testimunha, creio que me ficareis obrigados em vos dar uma occasião de gloria nunca encetada em Hespanha, e ainda nova para os que se assignalaram no mundo por seus descobrimentos. Immortal, santa, religiosa será vossa fama na historia da patria e da egreja; e Deus sabe quanto vol-o invejo, e o sacrificio que faço em soffrer uma politica que me faz tão pesada a distincção da natureza. Mas repartamos a gloria de feito tão illustre, concorrendo eu com o desejo e a despeza, e vós com o trabalho e o perigo; que eu me prezarei muito de entrar comvosco nos louvores com que os vindouros encarecerem a ousadia e constancia de vossos espiritos.»



Ilha de Santo Antão, archipelago de Cabo Verde

Passado pouco tempo, descobriram os illustres navegantes a ilha de Porto Santo, e mais tarde a da Madeira, primeiras ilhas que vieram ornar, como joias preciosas, a coroa de Portugal.

Proseguindo nos seus gloriosos commettimentos, o immortal infante enviou navios, uns após outros, a tentar novas descobertas. Commetteu o infante uma d'essas emprezas a Diniz Fernandes, escudeiro da casa del-rei D. Affonso v.

Corria o anno de 1443 quando Diniz Fernandes deu principio a esta honrosa commissão com um unico e pequeno navio. Como o fim principal da sua viagem era descobrir da costa de Africa o mais que lhe fosse possivel, foi navegando sem perder a terra de vista. Dobrára o cabo Bojador, que por tanto tempo fôra o limite das navegações nos mares da Africa Occidental, e ao qual pouco antes Gil Eannes quebrára o encanto, e já ia velejando ao longo da costa de paizes totalmente desconhecidos, quando lhe appareceu um fragil baixel, a que chamavam *almadia*, conduzido por quatro negros. Trataram logo os nossos de o aprezar, e preza foi esta de bom agoiro, porque d'ahi a pouco avistaram um cabo, a que pozeram o nome de *Cabo Verde* pela muita verdura com que o toucavam algumas d'essas gigantescas arvores do continente africano chamadas *baobab*. Em seguida descobriram e aportaram em uma pequena ilha, visinha do cabo, onde caçaram muitas cabras montezas. Sobreveiu-lhes então uma furiosa tormenta, que, obrigando o navio a dar a pôpa ao vento, fel-o voltar no rumo do norte, de modo que em breve, corrido do tempo, surgiu no porto de Lisboa.

As noticias que traziam, juntamente com os quatro prisioneiros, causaram grande alvoroço na cidade. Eram os primeiros pretos vindos de Africa que se viam nas ruas de Lisboa.

D'ahi por diante começaram os mais incredulos a ter confiança e a pôr grandes esperanças nas emprezas do infante D. Henrique, que muitos ainda alcunhavam de temerarias, e que até aos annos de 1418 e 1419, em que se descobriram as ilhas de Porto Santo e Madeira, quasi toda a gente as tinha, não só em conta de temerarias, mas tambem de estereis e inglorias.

Espalhou-se a nova pela Europa, e, passados annos, achando-se o infante D. Henrique occupado em dar seguimento ás explorações até então feitas, chegaram a Lisboa tres navios, capitaneados por tres fidalgos genovezes, Antonio de Nole e seus sobrinhos, Bartholomeu e Raphael de Nole, vindos de Genova expressamente para se offerecerem ao serviço do infante nos descobrimentos de Africa e suas ilhas.

Foi acceita a offerta, e, mandando-lhes fornecer viveres e tudo mais de que haviam mister, enviou-os ás descobertas que desejavam.

Largou Antonio de Nole do porto de Lisboa em abril de 1460, e aos dezeseis dias de viagem descobriu tres ilhas a oéste de Cabo Verde. Á primeira poz-lhe o nome de *ilha de Maio*, por ser esse o primeiro dia d'este mez; e ás outras deu-lhes a mesma invocação dos dois apostolos, cuja festa a egreja celebra n'esse dia, *S. Thiago* e *S. Filippe*. Porém esta ficou ao diante mais conhecida com o nome de *ilha do Fogo*. Depois foram apparecendo successivamente mais sete ilhas, situadas a pouca distancia umas das outras.

Estas dez ilhas, pois, tomaram da ponta do continente africano que lhes fica mais proxima a denominação de *archipelago de Cabo Verde*.

Como succedesse a morte do grande infante D. Henrique no mesmo anno de 1460, poucos mezes depois d'aquelle descobrimento, e tendo este principe deixado por seu herdeiro a seu sobrinho, o infante D. Fernando, que era irmão del-rei D. Affonso v, este monarcha fez doação das ilhas de Cabo Verde ao dito infante D. Fernando, que tratou de as povoar, enviando-lhes para esse fim alguns criados seus.

A este primeiro donatario succedeu seu filho primogenito, D. Diogo, duque de Vizeu, que foi assassinado em Setubal pelas proprias mãos del-rei D. João ii, seu primo, por saber que conspirava contra a sua real pessoa.

Em consequencia d'esta catastrophe reverteram para a coroa aquellas ilhas; porém el-rei D. João ii logo fez d'ellas nova doação a D. Manuel, irmão de D. Diogo, juntando a esta mercê a do titulo de duque de Beja (1489). Passados alguns annos, fallecendo sem filhos legitimos D. João ii, succedeu-lhe no throno o duque de Beja; e assim voltaram outra vez para a coroa as ditas ilhas (1495).

No principio do seculo seguinte apenas as ilhas de S. Thiago e do Fogo eram povoadas, tendo alguma pouca cultura. As outras serviam unicamente de pastagem para gados.

Querendo el-rei D. Manuel promover em todas a povoação e a cultura, resolveu encarregar a colonisação d'estas a donatarios, o que levou a effeito, fazendo as doações só em uma vida, ou como recompensa de serviços, ou por contratos estipulados como medida de fomento.

Esta providencia deu resultados satisfactorios; de sorte que na occasião do fallecimento del-rei D. Manuel, em 1521, já tinham alguma povoação e cultura, além d'aquellas duas, as ilhas de S. Nicolau, Boa Vista, Brava, Maio e Santo Antão.

El-rei D. João iii deu novo impulso a este desenvolvimento, ordenando por carta régia de 20 de setembro de 1530 a divisão em sesmarias feita a favor de ricos povoadores e agricultores. E tanto e tão rapidamente cresceu o numero dos habitantes n'aquellas ilhas, pelas diligencias com que se promovia a ida de gente do reino, que no anno de 1532 se julgou necessaria a creação de um bispado, que foi com effeito instituido. Erigiu-se a cathedral na ilha de S. Thiago, e foi primeiro bispo de Cabo Verde D. Braz Neto.

No fim d'esse mesmo seculo, sob o governo intruso de Filippe ii de Castella, começaram aquellas ilhas a ter governadores nomeados pelo soberano, e com a sua séde na villa da Ribeira Grande, capital da ilha de S. Thiago.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

UM ANJO NO PURGATORIO

(conto)

I

Conhecia-o havia tres annos; era rico, e chamava-se Pedro. Nos theatros e nos bailes que frequentava, distinguia-se pela elegancia e pelo espirito; naturalmente vivo, gracioso no gesto e na palavra, accessivel a todas as conversações, tão apto para discretear com as damas a respeito de modas como para discutir com os politicos sobre as grandes agitações do seculo, tornára-se, por assim dizer, o centro das attenções geraes. O corpo não desdizia do intimo; Pedro, sem que fosse um homem alto, era de tal modo harmonioso no todo, tão bem apposto, tão agil, tão rapido nos movimentos, tão rasgado no porte, que á primeira vista parecer-nos-hia de uma estatura superior. O rosto era sympathico, sem que podessemos chamar-lhe bello; cabellos escuros; ampla a fronte, mas não isenta de rugas; o nariz aquilino deixava presentir na mobilidade extrema das azas uma insubjugavel compleição nervosa; a boca fina descaía em dois sulcos, que ora pareciam denotar o cançaço da vida, ora se transformavam n'um meio riso de egoismo ou de descrença. Nos olhos é que residia toda a soberania de Pedro. O famoso *et erit principatus super humerum ejus* de que falla Isaias (soccorrendo-se o leitor ao seu latim de ajudar á missa, e substituindo o *super humerum* por *in oculis*) dá, sem mais rodeios, uma definição cabal do olhar de Pedro. O homem é o seu olhar. Ainda alguem disse ha pouco: «O homem é o seu sorriso». Não creio. Bocage, quando escreveu:

«Os labios mentem,
Os olhos não»,

encerrou em dois versos de quatro syllabas uma verdade que não cabe em trezentos alexandrinos. O sorriso é a contracção, o olhar é o espraiamento; aquelle vem do musculo, este da alma. Quando o sorriso póde ser significativo, é quando de certo modo completa o olhar. Ha quem se lembre de ter visto Garrett passeiando no salão de um dos theatros nossos, a ouvir o publico patear-lhe desaforadamente a *Sobrinha do marquez*. Andava elle com as mãos cruzadas nas costas, o sorriso nos labios e o olhar diffuso. Onde iria este? onde terminaria aquelle? No sorriso estava o desprezo, no olhar a immensidade; os labios franziam-se para o publico, e os olhos alongavam-se até Deus. Completavam-se um ao outro; mas no olhar pairava a alma do poeta, anjo que abria as azas de oiro, deixando cair nos labios a sombra d'ellas, desenhada n'um sorriso. Nos olhos de Pedro estava, como já disse, toda a sua soberania. Não reflectiam elles a chamma das concepções ardentes, nem tinham os clarões magicos dos do poeta; mas o fulgor natural, temperado por uma certa doçura indescriptivel, tornava-os quasi sempre perigosos. Quando Pedro apparecia, as damas agitavam-se com uma especie de alegria impaciente, e os *dandys* arrefegavam o sobr'olho.

Poder immenso das pupillas! Napoleão domina pelo seu relancear de aguia, e Gœthe assombra pelo seu fitar de Deus. Quando Henri Heine se dispoz a visitar o auctor do *Fausto*, reflexionou por largas noites de inverno no que lhe diria mais elevado e sublime; por fim, poz-se a caminho de Weimar, elle, o grande poeta do *Intermezzo*, ruminando timidamente o seu discurso. Quando se viu frente a frente com a divindade, a fixidez d'aquelle olhar tranquillo e profundo estonteou-o a ponto de se lhe varrer a facundia, como succede a um prégador garraio, e apenas soube dizer n'um gaguejo que as ameixas de Saxe eram excellentes. Com as damas, em relação a Pedro, succediam as coisas pouco mais ou menos. Quando elle deixava cair dos olhos um raio de luz sereno e languido, os espiritos turbavam-se de subito, o dialogo tomava uma feição nova, e, se não se gabavam as ameixas de Saxe, é certo que alguma coisa se dizia a respeito do coração humano. Apesar de tudo, Pedro era o menos Lovelace possivel. Tinha vinte e oito annos, perdêra aos treze seu pae, sua velha mãe idolatrava-o, o mundo offerecêra-lhe um regaço cheio de fructos e de flores, atravessára-o, não digo sem se empegar nos aguaçaes, mas sem se deixar prender de todo; gozára muito, gozára tudo. O coração tinha-lhe sobrenadado, porém, em todos aquelles dias de borrasca, sentia-o puro e limpo como na adolescencia, só uma ancia vaga o abalava mais agora. Eu admirava aquella isenção, aquella frieza, aquelle desprendimento de Gilliat n'um verdadeiro rapaz do seculo. Cuidado com estes montões de gêlo. Não ha muito ainda que os jornaes fallavam na explosão de um deposito de neve, e explicavam os pormenores do caso com toda a proficiencia dos dados scientificos; eu não sei como a respeito do homem se possam adduzir bons motivos, mas a verdade é que nos corações de gêlo tambem ha d'estas explosões horriveis. Ai de quem fica ao alcance das avalanchas e das enormidades que estes volcões arrojam; quando se chega a cair sob o peso de taes bategas amorosas, fica-se enterrado em vida. Nem ha cão de S. Bernardo que salve o estatelado peregrino; lá se ha de ficar ao desamparo, até que um raio de sol piedoso derreta os gêlos em que elle tirita, e lhe reanime o sangue, se o não houver estilado em lagrimas.

Uma noite encontrei-me com Pedro em S. Carlos; cantava-se o *Othello*. Fallámos de Rossini e Shakespeare; elle afiançava que o maestro comprehendêra o poeta, eu negava-o em parte.

— Que lhe parece a creação do moiro? perguntava-me elle no intervallo do segundo para o terceiro acto.

— A não ser a pathetica phrase do duetto com Iago, afigura-se-me um turco de opera velha, encartado em garganteador de cavatinas. O *Othello* de Shakespeare é de outra grandeza, tem o caracter nobre e impetuoso. Aqui, é no terceiro acto apenas que elle se debuxa, como é então que Desdemona se patenteia em toda a sua candida serenidade.

— Parece-lhe que a musica nem sempre póde traduzir o pensamento litteral do poeta?

— Penso que raras vezes. Com que notas se exprimirá a immensidade do *honest Iago?* que sons poderão dar a ancia excessiva do *Romeo, Romeo, wherefore art thou Romeo*, posto na boca de Julieta? Diante d'estes abysmos Rossini vacilla como Zingarelli.

— O que diria Fétis se o ouvisse fallar d'esse modo?

— Fétis? ahi tem um homem que eu detesto sinceramente, um contrapontista empalhado, um sabio esteril como um penedo, e resingão como um pato. São abominaveis estes homens que andam a vasculhar no intestino da sciencia, não lhe parece?

— Sim; mas tambem se elles se perdessem de todo, cairiamos no estouvamento desbragado. O genio é o corcel brioso e infatigavel; solte-o, e vêl-o-ha precipitar-se de cerro em cerro, até cair exhausto e escalavrado. Verdi tem dado vinte vezes o salto de Leucate.

— É perigo que nem todos correm.

— Admira-o, pelo que vejo?

— Quizera que elle tivesse escripto o *Othello*.

N'este momento o panno ergueu-se; estavamos no terceiro acto. Para os solitarios d'este cantinho do occidente, que apenas conhecem a Pasta pela noticia dos criticos, e a Malibran pelos admiraveis versos de Alfredo de Musset, a mulher que maior vulto tem dado a este acto é, sem dúvida alguma, a Borghi-Mamo. Não passou já tanto tempo que a possamos ter esquecido. A tragica auxiliava a cantora, o movimento concluia a phrase. Como ella n'essa noite soluçou a aria do *Salgueiro*, e como a lyra lhe caíu das mãos trémulas e delicadas! Depois, em face do moiro, que altivez n'aquella fronte, que firmeza n'aquelle olhar, que innocencia animosa, que paixão, que fogo! No terceiro acto, a musa de Shakespeare veiu sentar-se ao lado de Rossini, e, entre o ineffavel murmurio das brisas napolitanas, segredar-lhe os carmes da sua inspiração melancolica. Que recitativos os de Othello, que soberbos cantos os de Desdemona, e como a melodia plangente do gondoleiro atravessa aquella scena deliciosa! Quando na orchestra esmoreceu o ultimo som, quando o panno caíu de todo, Pedro olhou para mim com um sorriso de triumpho, e perguntou-me baixinho:

— O que diz agora?

— Que é admiravel este terceiro acto.

Levantámo-nos e saímos; nem eu nem elle nos recordámos do baile. Bailar depois do *Othello?* bailar depois da opera? Ó poesia, ó musica, soltae o vôo d'este mundo de barbaros, e acolhei-vos a qualquer solidão do ceo, a qualquer refugio da immensidade. Cedei terreno á cabriola, deixae reinar a pirueta; a dança é hygienica, e a hygiene é o principal cuidado d'este bom seculo ventrudo. Pelo amor de Deus, filhas da inspiração e do enthusiasmo, não queiraes entisicar a humanidade. Voar nas azas do arrebatamento, e com os olhos marejando lagrimas? apage! E o que havia de ser dos pêcos e enfermiços? Nem as chacinas do Ribatejo. O vento fino das espheras complica seriamente com as gastrites, e poderia produzir alguns engulhos symptomaticos. É preciso encaminhar o povo pelas veredas suaves; guardar dos esfalfamentos. Ponde Weber n'um dos polos do mundo e o Dante no outro; descarregae estas duas pilhas temerosas; up! nem que uma pessoa fosse de pedra para resistir a estes choques. A arte deve ser fortificadora e estomacal, diuretica e adstringente; as musas debeis podem contaminar a gente sadia, e fazer cair a espinhela aos chefes de familias. *Meno fuoco!* Os corações que se apertaram de terror e de angustia acerba carecem de desafogo; nada de arrochar as naturezas franzinas; depois de Shakespeare, *un pas de deux*, depois da aria do *Salgueiro*, a *Cachucha*. Ahi tendes a constituição da arte, e, portanto, a unica base da civilisação. Era isto o que eu pensava ao caminhar com Pedro pelo Chiado abaixo; não sei se alguma coisa lhe disse d'este meu grave soliloquio, mas penso que elle rastreava pelas mesmas opiniões. Tresandada loucura!

Continuámos a caminhar ao acaso, sem destino, como quem se não recorda que o bule da familia está sobre a mesa abafado no guardanapo, e que a criada cabeceia junto á lanterna da cozinha. Inda não era meia-noite; o ceo estava estrellado, e o vento fresco de setembro consolava-nos, em vez de nos confranger. Era uma noite de outono, mas de outono meridional, noite poetica, saudosa, repleta de não sei que effluvios divinos. No cerebro resoavam-nos as ultimas notas da Borghi, e no fundo d'estas recordações bri-

lhavam outras, mais vivas ainda, como no fundo d'aquelle firmamento sem lua brilhavam candidamente as estrellas. O coração do homem é como certas flores mysteriosas: desabrocha no silencio da noite. Nós caminhavamos sempre. Insensivelmente a conversação reanimou-se, não sei o que discutimos; é de crer que andassemos a fraldejar pelos mais piegas de todos os sentimentalismos. Aquellas camadas de gêlo que d'antes forravam o interior de Pedro, pareciam desvanecer-se pouco a pouco; o meu amigo entrava a pannos largos nos embandeirados ancoradoiros lyricos.

— Não sabe? disse-me elle conchegando-me o braço ao peito, e com um certo impeto na voz, que denotava a impossibilidade de soffrear as palavras por mais tempo. Não sabe? tenho muito para lhe contar, preciso de o ver ámanhã, quero revelar-lhe um facto importante, importantissimo na minha vida. Mudei, sou outro, caíu-me a venda, não dos olhos como a Tobias, mas do coração. O coração é muitas vezes cego, não lhe parece? Anda por esse mundo insensivel e indifferente, sem attentar em ninguem, sem reparar em coisa alguma. Não é borboleta, é vagabundo. Chega-lhe a decrepidez sem o ter aquecido a juventude, murcha sem se haver inflorado, morre sem ter vivido. Faz lastima. O meu esteve para se perder de todo. Lembra-se da ultima vez em que nos vimos? Inda não ha tres mezes. Não sei o que me disse a respeito do amor, creio que me chamou um homem extraordinario; mudou-se tudo. Tinha razão, meu amigo, os corações de pedra deviam ser todos aproveitados para carrancas de chafarizes.

— Oh! começa a fumegar o Hecla?

— Não pense que o illudo. Fallo serio, muito serio; isto succede imprevistamente. Aos vinte e tantos annos não é bom brincar com o fogo, nem mais tarde, nem nunca. É uma historia curta, dir-lh'a-hei em tres palavras; quer ouvil-a?

— Diga, diga.

— Minha mãe estava doente... conhece-a? É uma excellente mãe, coitada. Fomos para o campo, temos lá estado até agora. No campo a convivencia é como as flores dos vallados, apparece de repente, sem preparo, sem cultura, quando ninguem o suspeita; nasce, por assim dizer, espontanea. De ordinario, succede como ás flores, que é definhar quando se aproxima o inverno. Nem sempre. Ao pé da nossa casa morava uma familia com quem principiámos a relacionar-nos; que hão de fazer senhoras n'aquelle apartamento? Depois, no verão é impossivel passeiar a certas horas. Eu ia sentar-me para debaixo de qualquer arvore, e passava o tempo fumando e lendo. Correram assim dois, talvez tres mezes; um dia não saí, creio que estava doente. Era uma hora, acabára de ler um jornal (tenho tudo presente), a porta abriu-se, e as nossas visinhas entraram; vinham acompanhar minha mãe. Esqueceu-me dizer-lhe, eram duas, mãe e filha; conhecia-as, tinhamo-nos encontrado por vezes. Tudo isto é simples, oiça. A principio não sei em que fallámos, em theatros, em modas, mesmo em politica, na abdicação das crinolines, em tudo

«Que é costume fallar, se falta assumpto»,

como o meu amigo diz na sua *Beppa*. Julia tocava; a pedido de minha mãe foi-se sentar ao piano. Acha pueril quanto eu lhe estou dizendo, não é verdade?

— Ao contrario; antevejo as consequencias d'esse dia. O piano foi a cithara de Orpheu, que lhe domou o coração rebelde.

— Verdadeira cithara, verdadeiro encanto. Tocava ella a *Somnambula*, o idyllio do amor. Bellini fez-se nosso complice. Era um dos trechos mais maviosos; sentia aquellas notas coarem-se-me n'alma, o cheiro das flores que vinha tepido augmentava-me a embriaguez; encostei a cabeça a uma das mãos e puz-me a pensar. Em que pensava eu? não sei dizer-lh'o. O que sei é que quando levantei os olhos dei com os de Julia cravados em mim. Que instante, meu amigo, que instante! Bastou aquelle olhar para se crear um mundo novo.

— Amam-se agora muito?...

— Muito, muito. Ha de vêl-a, quero que a conheça. O mais pouco interessa. Tanto minha mãe como a d'ella se regozijam n'este affecto; havemos de casar em breve. Deixe lá fallar aquelle cynico do Byron, ou de quem quer que era, que dizia estar o casamento para o amor do mesmo modo que o vinagre para o excellente vinho. Chistoso paradoxo, e nada mais! Prepare-se para me acompanhar ámanhã; um dia no campo não é de todo desagradavel. Sinto-me agora n'um estado de desafogo completo, respiro melhor, dilata-se-me o peito mais á vontade. D'antes andava opprimido, tinha um peso sobre mim, um peso constante, uma verdadeira campa. Tambem, verdade seja que uma pessoa sem amor não é outra coisa mais que um sepulchro; o coração é o cadaver. Admira-se do que lhe digo? desconhece-me, hein?... Oh! agora começo a comprehender que a felicidade não é sómente uma palavra!

Embebidos n'este colloquio, tinhamos caminhado insensivelmente até proximo do Aterro; os relogios diziam ser duas horas, e as minhas pernas, moidas, estavam a suspirar pela cama. Grande coisa é o amor! Pedro mostrava-se nas melhores disposições para passeiar até madrugada; e em quanto eu, apesar de todo o bem que lhe queria, deitava cubiçosamente os olhos d'alma para as torradas da minha ceia, elle, em transportes de jubilo, sentia inundar-se-lhe o espirito na doce claridade das estrellas.

(Continúa) E. A. VIDAL.

ÁCERCA DA FACILIDADE DE EXPRESSAR AS IDÉAS

A palavra é uma das maiores distincções entre o homem e o bruto. O nosso poder sobre outrem não está só nas idéas que formâmos, mas no modo de produzil-as. Um homem de energia intellectual mais que ordinaria, póde ser apenas um zero na sociedade se não souber fallar. Não só se adquire influencia sobre os outros homens, senão tambem se dá ao pensamento uma expressão clara, precisa e rigorosa. Comprehendemos melhor, e as nossas concepções tornam-se mais claras, pelo esforço que fazemos para tornal-as claras para os que nos ouvem.

A nossa posição na sociedade depende essencialmente da facilidade de nos expressarmos. A principal distincção entre o que chamâmos homem do mundo e homem do povo consiste em que o ultimo não tem muitas vezes graça nem delicadeza nos gestos, e faltam-lhe clareza e força de expressão.

O homem que não póde abrir a boca sem transgredir um preceito grammatical, sem fallar com accentuação barbara ou grosseira, sem mostrar a sua falta de educação, ou sem obscurecer o pensamento com linguagem confusa e incorrectissima, não póde occupar o logar a que o seu bom senso lhe daria direito.

Para procurar as relações da boa sociedade é preciso fallar como n'ella se falla. O estudo da grammatica e dos meios de alcançar pronunciação sã e correcta, não é coisa futil nem superflua para ninguem. Permitte alcançar no mundo vantagens, de que muitas vezes dependem o nosso aperfeiçoamento e a nossa prosperidade.

Deveria entrar nos planos de educação pessoal saber dar ao homem facilidade de palavra por meio de exercicios adequados. Parece-nos que este é um bom conselho.